FACULDADE SETE LAGOAS – FACSETE

LORENA MARIA DE PAULA
RAFAELA BEATRIZ ALVES SOUZA

CICATRIZES INVISÍVEIS: O IMPACTO DO LAR ABUSIVO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Sete Lagoas/MG
2025

LORENA MARIA DE PAULA
RAFAELA BEATRIZ ALVES DE SOUZA

CICATRIZES INVISÍVEIS: O IMPACTO DO LAR ABUSIVO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Monografia apresentado como parte dos requisitos para conclusão do curso de graduação em Psicologia da Faculdade Sete Lagoas – FACSETE.
Orientador: Prof. Gabriela de Carvalho Cafieiro

Sete Lagoas/MG
2025

FACSETE
FACULDADE SETE LAGOAS

Lorena Maria de Paula
Rafaela Beatriz Alves Souza

CICATRIZES INVISÍVEIS: O impacto do lar abusivo no Desenvolvimento Infantil

A banca examinadora abaixo-assinada aprova o presente trabalho de conclusão de curso como parte dos requisitos para conclusão do curso de Graduação em psicologia da Faculdade Sete Lagoas – FACSETE.

Aprovado em 11 de Dezembro de 2025.

Gabriela Machado Cajueiro
Prof. (a) Nome Completo
Orientador(a)
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE

Prof. (a) Nome Completo
Faculdade Sete Lagoas – FACSETE

Sete Lagoas, 11 de Dezembro de 2025.

RESUMO

O ambiente familiar abusivo pode impactar de forma significativa o desenvolvimento infantil, especialmente no âmbito emocional. Este estudo buscou compreender os efeitos do abuso familiar na infância e refletir sobre possíveis estratégias de enfrentamento. Considerou-se que a criança, por estar em formação, é profundamente influenciada pelas experiências vividas nos primeiros anos de vida, pois o lar é o primeiro espaço de socialização e construção de vínculos afetivos. A pesquisa, de natureza qualitativa, descritiva e comparativa, foi realizada por meio de revisão bibliográfica e análise interpretativa de casos amplamente divulgados pela mídia, o que possibilitou compreender como diferentes formas de violência familiar repercutem no desenvolvimento emocional e social. A relevância do estudo justificou-se pela elevada incidência de casos de abuso praticados por familiares e pelos prejuízos observados a curto e longo prazo. Os resultados apontaram que a exposição a ambientes abusivos compromete o senso de segurança, a formação da identidade e a capacidade de estabelecer vínculos saudáveis, deixando marcas emocionais que podem perdurar por toda a vida. Concluiu-se que a ausência de um ambiente protetor e afetuoso dificulta o desenvolvimento integral das crianças e pode favorecer a continuidade de ciclos transgeracionais de violência. Assim, reforçou-se a necessidade de políticas públicas, práticas clínicas e intervenções preventivas capazes de promover acolhimento, cuidados e ambientes familiares mais seguros.

Palavras-chave: Abuso Infantil. Abuso Psicológico. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

An abusive family environment can significantly impact child development, especially in the emotional domain. This study sought to understand the effects of family abuse during childhood and to reflect on possible coping strategies. Considering that the child is still in a formative stage, they are deeply influenced by experiences lived in the early years of life, as the home is the first space for socialization and the development of affective bonds. This qualitative, descriptive, and comparative research was conducted through a literature review and interpretative analysis of cases widely reported in the media, which made it possible to understand how different forms of family violence affect emotional and social development. The relevance of the study is justified by the high incidence of abuse cases perpetrated by family members and the short- and long-term harm observed. The results indicated that exposure to abusive environments compromises the sense of security, identity formation, and the ability to establish healthy relationships, leaving emotional scars that may persist throughout life. It was concluded that the absence of a protective and affectionate environment hinders children's overall development and may contribute to the continuity of transgenerational cycles of violence. Thus, the study reinforces the need for public policies, clinical practices, and preventive interventions capable of promoting support, care, and safer family environments.

Keywords: Child Abuse. Psychological Abuse. Child Development.

SUMÁRIO

SUMÁRIO **6**
1. INTRODUÇÃO **6**
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA **7**
2.1 IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL 7
2.2 A TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO 8
2.3 APEGO SEGURO E APEGO DESORGANIZADO: IMPLICAÇÕES PARA A INFÂNCIA 9
2.4 IMPACTOS NEUROBIOLÓGICOS E EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DO ABUSO INFANTIL 10
2.5 A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO TRAUMA 11
3. METODOLOGIA **11**
4. RESULTADOS **12**
5. DISCUSSÃO **13**
6. CONCLUSÃO **14**
REFERÊNCIAS **6**

1. INTRODUÇÃO

As famílias apresentavam modos próprios de funcionamento, organizando regras, rotinas e estratégias destinadas a manter sua dinâmica interna. Entretanto, observou-se que esses padrões, quando atravessados por violência e práticas autoritárias, deixavam de oferecer cuidado e proteção, passando a gerar sofrimento, especialmente para as crianças que são as mais vulneráveis nesse contexto. Em alguns casos, o abuso familiar pode se configurar como um fenômeno complexo e silencioso, capaz de impactar profundamente o desenvolvimento infantil. Neste contexto, algumas atitudes abusivas são justificadas pelos responsáveis como formas de disciplina ou tentativas de resolver conflitos, mas acabam ampliando a violência e intensificando danos emocionais, conforme apontado por Muszkat e Muszkat (2018).

A gravidade dessa realidade foi evidenciada pelos dados do Disque 100, vinculados ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, que registraram 50.098 denúncias de violência contra crianças apenas no primeiro semestre de 2021. Desse total, 81% ocorreram dentro da própria casa, e mais de 93% envolveram violência psicológica ou física (Brasil, 2021). Esses números, por si só, reforçaram a urgência de compreender de que forma a violência familiar afeta o crescimento e a saúde emocional de crianças em desenvolvimento.

Diante desse cenário, este estudo buscou responder a uma questão central: como a vivência em um ambiente familiar abusivo impacta o desenvolvimento psicológico da criança ao longo do tempo? Partiu-se da hipótese de que crianças expostas à violência doméstica apresentam maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de dificuldades emocionais, prejuízos na autoestima, insegurança nos vínculos afetivos e desafios nas relações sociais, podendo ainda carregar, para a vida adulta, marcas profundas dessas experiências.

Com base nessa problemática, o objetivo geral da pesquisa consistiu em analisar os impactos do abuso familiar no desenvolvimento infantil, considerando não apenas os efeitos psicológicos e emocionais imediatos, mas também as repercussões que podem se estender para a vida adulta. Para alcançar tal finalidade, o estudo também se orientou por objetivos específicos, que são eles: identificar os efeitos do abuso físico e psicológico na autoestima e nos vínculos afetivos da criança; compreender como a naturalização da violência dentro da família contribuía para a manutenção de ciclos intergeracionais de sofrimento; e discutir estratégias de intervenção psicológica capazes de promover acolhimento, prevenção e reestruturação emocional.

A justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa fundamentou-se na necessidade de ampliar a compreensão sobre como a violência doméstica afeta a construção subjetiva da

criança. Ampliar essa compreensão é importante para entender os danos causados pelo abuso, sua gravidade e como a eliminação de um lar violento pode ser transformadora para a criança no presente, no seu desenvolvimento e na sua qualidade de vida na vida adulta.

Também é essencial para que os pais tomem consciência de que tais comportamentos não são ideais nem saudáveis e aprendam que, mesmo que isso não lhes tenha sido ensinado, existem formas diferentes de amar, ser amado e se relacionar. Além disso, disseminar essas informações possibilita que outros profissionais que lidarão com situações semelhantes tenham conhecimento e preparo para oferecer o melhor cuidado e a atenção necessários, permitindo que as intervenções aconteçam de maneira positiva e transformadora.

Assim, buscou-se considerar não apenas os danos emocionais, mas também o modo como esses acontecimentos influenciam a identidade da criança, sua visão de si mesma e sua capacidade de confiar nos outros. Deste modo, a pesquisa se mostra importante, pois a elevada incidência de casos de abuso familiar no Brasil evidencia a relevância de estudos que subsidiem a prática profissional de psicólogos e demais trabalhadores da área, que lidam diariamente com os efeitos desse sofrimento psíquico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O ambiente familiar exerce uma função central e insubstituível no processo de desenvolvimento infantil. É nesse espaço que a criança estabelece suas primeiras experiências emocionais, constrói sua identidade, aprende a se relacionar com o mundo e desenvolve habilidades essenciais para a vida em sociedade. A família é reconhecida como o primeiro e mais influente grupo social no qual a criança está inserida. É nesse núcleo que se iniciam as primeiras interações, aprendizagens e vínculos afetivos que irão moldar seu desenvolvimento. Conforme afirmam Silva e Dessen (2001, p. 45), “a família constitui o primeiro universo de relações sociais da criança, podendo proporcionar-lhe um ambiente de crescimento e desenvolvimento”.

Socialmente a família é reconhecida como um espaço onde se oferece amor, também é ensinado, aprendido e idealizado que o núcleo familiar deve ser um ponto de acolhimento e experiências positivas, um local onde é oferecido apoio, segurança e preparação para a vida adulta e por isso, muito se questiona sobre as ocorrências de abuso e sofrimento nesse contexto.

No entanto, é justamente nesse ambiente que muitas vezes a violência, abuso e maus-tratos se fazem presentes, pois é na relação diária que os membros da família se expressam de forma intensa, revelando lados agressivos, violentos e abusivos (Muszkat; Muszkat, 2018).

2.2 A TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para compreender a complexidade desses impactos do lar abusivo na formação da criança, é fundamental considerar a perspectiva ecológica do desenvolvimento. Bronfenbrenner (1996) formulou uma teoria que busca explicar como ocorre o desenvolvimento humano, juntamente ao conceito de microssistemas, mesossistema, exossistema e macrossistema. Os microssistemas referem-se aos ambientes em que o indivíduo se relaciona de forma direta, como família, escola ou trabalho, que, segundo o autor, possuem papel fundamental no processo de desenvolvimento, embora não sejam os únicos a influenciá-lo. O mesossistema refere-se às interações entre esses microssistemas, evidenciando como um pode influenciar o outro. O exossistema envolve contextos nos quais o indivíduo não participa diretamente, mas que ainda assim, afetam indiretamente seu desenvolvimento, como o trabalho dos pais ou decisões institucionais. Já o macrossistema engloba os valores culturais, crenças, leis, padrões e regras que moldam todos os demais sistemas (Martins; Szymanski, 2004).

Costa e Peres (2021) reforçam essa visão ao afirmarem que existem outros sistemas que posicionam o indivíduo como elemento ativo em constante interação com essas estruturas, que se influenciam mutuamente e impactam o sujeito de forma contínua. Dessa maneira, compreende-se que tanto os sistemas presentes no cotidiano, como família e escola, quanto os que impactam de forma indireta, juntamente com valores culturais mais amplos, reverberam entre si no processo de desenvolvimento humano.

Diante dessa perspectiva, torna-se possível compreender que a existência de um lar abusivo não é resultado exclusivo das características individuais dos membros da família, mas um fenômeno influenciado por múltiplos sistemas que atravessam esse contexto. Portanto, o abuso não pode ser atribuído apenas às figuras parentais ou à dinâmica interna familiar, uma vez que fatores sociais e culturais também exercem influência significativa nesse processo. A Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1996), portanto, é utilizada neste estudo porque contribui para ampliar a compreensão do fenômeno, pois evidencia que o comportamento abusivo é construído e reforçado nas interações entre os diferentes níveis do ambiente, demonstrando que o problema ultrapassa o microssistema familiar e é alimentado por influências mais amplas da sociedade.

2.3 APEGO SEGURO E APEGO DESORGANIZADO: IMPLICAÇÕES PARA A INFÂNCIA

Dentro do microssistema familiar, cada experiência vivida pela criança, gesto de cuidado, palavra ou silêncio, contribuiu para moldar sua compreensão sobre si mesma e sobre o mundo. As relações estabelecidas com as figuras cuidadoras tornaram-se o primeiro espelho emocional da criança, influenciando diretamente seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Quando há sensibilidade, acolhimento e responsividade, o lar transforma-se em um espaço onde a criança podia explorar, aprender e desenvolver confiança. Entretanto, quando essas interações são eram permeadas por negligência, violência ou imprevisibilidade, as bases emocionais tornam-se fragilizadas, impactando sua trajetória (Bronfenbrenner, 1996).

A teoria do apego, inicialmente desenvolvida por John Bowlby, ofereceu uma compreensão sensível e fundamentada sobre esse processo. Para o autor, o vínculo entre criança e cuidador não era apenas um laço emocional, mas uma necessidade básica e vital para a sobrevivência psíquica e física (Bowlby, 1984). A criança buscava segurança em quem deveria protegê-la, especialmente em momentos de medo ou incerteza. Ainsworth complementou essa perspectiva ao evidenciar que a forma como os cuidadores respondiam às necessidades emocionais da criança influenciam diretamente o tipo de apego que ela desenvolverá. Quando há a presença, atenção e cuidado consistente, forma-se o apego seguro, favorecendo que a criança confie, se expressasse e se desenvolva com maior autonomia (Ainsworth *et al.*, 1978).

Estudos recentes, como o de Adorian *et al.* (2024), evidenciam que o apego desorganizado está profundamente relacionado à exposição contínua a situações de negligencia e à ausência de um cuidador que desempenhe a função de base emocional estável. Crianças submetidas a esse tipo de ambiente apresentam maior vulnerabilidade a dificuldades de autorregulação, baixa autoestima, problemas interpessoais e sintomas emocionais que podem se prolongar pela adolescência e vida adulta. Nessas situações, o lar, que deveria ser fonte de afeto e segurança, transforma-se em um espaço de ameaça, comprometendo a capacidade da criança de confiar, de se proteger e de construir vínculos saudáveis.

Compreender a teoria do apego sob uma perspectiva humanizada permite reconhecer não apenas os prejuízos emocionais causados pelo abuso familiar, mas também a urgência de intervenções que ofereçam à criança novas possibilidades de cuidado e reparação afetiva. O trabalho terapêutico, o fortalecimento das redes de apoio e políticas públicas de proteção tornam-se essenciais para reconstruir, passo a passo, a sensação de segurança e dignidade emocional que deveria acompanhar toda infância. Assim, reconhecer os impactos do apego

desorganizado é também um convite à responsabilidade coletiva: proteger as crianças é garantir que tenham a chance de desenvolver vínculos seguros, relações saudáveis e uma vida emocional mais estável.

2.4 IMPACTOS NEUROBIOLÓGICOS E EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS DO ABUSO INFANTIL

Os impactos do abuso infantil não se restringem apenas ao campo emocional e psicológico, eles também alcançam dimensões corporais profundas, especialmente no desenvolvimento neurobiológico. Quando exposta de forma contínua ao abuso e à negligência, a criança passa a viver em estado de alerta constante, o que desencadeia alterações importantes em estruturas cerebrais fundamentais para o equilíbrio emocional e cognitivo. Nunes *et al.* (2020) destacam que a liberação prolongada e desregulada de cortisol, conhecido como o hormônio do estresse, pode causar disfunções significativas no desenvolvimento cerebral. Entre elas, ressaltam-se a redução do hipocampo que afeta diretamente a memória e a capacidade de aprendizagem, e prejuízos no córtex pré-frontal, região responsável pela regulação dos impulsos, empatia, planejamento e tomada de decisões. Assim, o abuso vivido na infância deixa marcas que ultrapassam o sofrimento psicológico e se inscrevem também no corpo, repercutindo ao longo de toda a vida.

Esses achados são reforçados por evidências empíricas provenientes de estudos longitudinais. Strathearn *et al.* (2020) acompanharam 7.223 crianças e suas mães até os 21 anos de idade, investigando episódios de abuso físico, sexual, emocional e negligência, bem como seus efeitos nos diferentes aspectos do desenvolvimento. Os dados apontaram que o abuso emocional apresentou consequências ainda mais graves e duradouras que o abuso físico, resultando em dificuldades cognitivas, prejuízos acadêmicos, uso problemático de substâncias, dificuldades de regulação emocional e até maior propensão à violência entre parceiros íntimos. Os resultados reforçam que a violência vivida no lar impacta diretamente o funcionamento cerebral e a capacidade de adaptação social do indivíduo, mostrando que a infância marcada por medo, insegurança ou abandono pode comprometer significativamente a construção de uma vida adulta saudável.

2.5 A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO TRAUMA

Além dos efeitos imediatos, os impactos do abuso podem se estender por gerações. A teoria transgeracional aborda como comportamentos, valores e crenças são herdados pelas gerações seguintes e replicados no decorrer da vida. Quando esses padrões não são saudáveis e continuam sendo transmitidos, podem comprometer as relações futuras do indivíduo e contribuir para a perpetuação desse formato familiar, causando sofrimento aos seus sucessores (Ratajczyk; Silva; Marques, 2019). Ou seja, o que é observado e aprendido pelas crianças em seu ambiente familiar tende a se perpetuar entre seus descendentes. Diante do exposto, é destacada a importância da tomada de consciência desses padrões com a finalidade de promover mudanças e encerrar ciclos que geram danos aos integrantes do contexto familiar.

3. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, utilizando a técnica de estudo de caso comparativo. Essa abordagem permitiu compreender, de forma aprofundada, como situações de violência e abuso dentro da família podem impactar o desenvolvimento emocional e social de crianças e adolescentes.

Para isso, foram analisados dois casos reais bastante conhecidos: os irmãos Menéndez, nos Estados Unidos, e Bernardo Uglione Boldrini, no Brasil. Esses casos foram escolhidos por sua relevância social, pela quantidade de informações disponíveis e pela oportunidade de observar diferenças e semelhanças entre contextos culturais distintos.

Além dos casos, realizou-se uma revisão bibliográfica integrativa, buscando reunir estudos teóricos e pesquisas que abordassem a violência intrafamiliar e seus efeitos no desenvolvimento infantil. A busca considerou publicações de 2000 a 2024 em bases como SciELO, Google Acadêmico, Periódicos CAPES e PePSIC. Foram selecionados artigos científicos, livros e documentos oficiais que tratassem de temas como abuso familiar, psicologia do trauma, desenvolvimento infantil e fatores de proteção emocional. Foram utilizados livros importantes da Psicologia do Desenvolvimento, assim como artigos científicos sobre dinâmica familiar e bem-estar infantil. Um dos principais referenciais foi o livro A Criança em Desenvolvimento (2018), de Helen Bee e Denise Boyd, que trata de temas como vínculo afetivo, apego e o papel essencial da família na formação emocional das crianças. Também foram considerados estudos que mostram como o ambiente familiar influencia diretamente o comportamento e o bem-estar das crianças.

O cruzamento entre a revisão bibliográfica e os estudos de caso possibilitou construir uma análise que aproxima a teoria da realidade vivida pelos sujeitos. Segundo Vidal (2013), o estudo de caso comparativo ajuda a compreender fenômenos complexos em seus contextos reais, permitindo perceber padrões, diferenças e particularidades. Já Serralta, Nunes e Eizirik (2011) destacam que essa metodologia é eficaz para investigar processos subjetivos e dinâmicos, como os que surgem de experiências traumáticas e relações familiares abusivas. Dessa forma, a metodologia adotada não buscou apenas descrever os fatos, mas também compreender as experiências humanas por trás deles, reconhecendo que cada história carrega marcas únicas de sofrimento, mas também de resiliência diante da violência.

4. RESULTADOS

Os resultados apresentados foram construídos a partir de uma análise qualitativa e interpretativa, fundamentada em uma ampla revisão bibliográfica sobre os impactos do abuso familiar no desenvolvimento infantil. Buscou-se compreender, à luz de diferentes autores e evidências científicas, como experiências de violência, negligência e ausência de acolhimento emocional marcavam profundamente a trajetória de crianças e adolescentes. Estudos clássicos e contemporâneos demonstraram que ambientes abusivos comprometiam a formação da identidade, o desenvolvimento socioemocional e a construção de vínculos seguros (Bowlby, 1988; Cyrulnik, 2005; Fonagy *et al.,* 2004; Rutter, 2012).

Para ampliar a análise, foram selecionados dois casos emblemáticos e amplamente documentados, que ilustraram de forma clara e dolorosa as consequências da violência intrafamiliar em contextos socioculturais distintos: o caso dos irmãos Menéndez, nos Estados Unidos, e o de Bernardo Uglione Boldrini, no Brasil. A escolha desses casos se justificou pela relevância social e pelo potencial de demonstrar, de maneira comparativa, como a ruptura dos vínculos afetivos descrita por Bowlby (1988) se mostra como uma das experiências mais devastadoras para o psiquismo infantil, repercutindo na adolescência e na vida adulta.

Como apresentado no documentário O Caso dos Irmãos Menéndez (2003) no contexto norte-americano, foi revelado os impactos profundos de um ambiente familiar permeado por violência física, psicológica e, segundo relatos, também sexual. A casa que deveria representar proteção, transformou-se em um espaço de medo, coerção e silêncio. O pai, descrito como controlador, e a mãe, emocionalmente fragilizada, criaram um ambiente marcado pela ausência de acolhimento e pela imprevisibilidade emocional, fatores que, conforme apontam Belsky (2008) e Garbarino (2011), comprometem o desenvolvimento de competências emocionais, a

autorregulação e o estabelecimento de vínculos seguros. O desfecho trágico, com o assassinato dos pais em 1989, não pôde ser compreendido apenas como um ato criminal, mas como resultado de anos de sofrimento emocional acumulado e desamparo, como discutido por Abramson (1994).

No Brasil, o caso de Bernardo Uglione Boldrini apresentou outra expressão das marcas deixadas pela violência doméstica. Bernardo, de apenas 11 anos, já demonstrava sinais claros de sofrimento psicológico, retraimento, tristeza intensa e busca explícita por ajuda. Sua ida ao Conselho Tutelar, expressando o desejo de viver longe da própria família, evidenciou a magnitude de seu sofrimento e sua consciência precoce de que aquele ambiente não o protegia. A ausência de resposta adequada das instituições responsáveis pela proteção infantil culminou em seu assassinato em 2014, cometido pelo pai, pela madrasta e por uma cúmplice (Migalhas, 2016; G1, 2016, 2023). Sua história expôs não apenas a violência intrafamiliar, mas também a fragilidade das redes protetivas, aspecto apontado por Minuchin (1985) como determinante para a manutenção de ciclos de violência dentro das famílias.

5. DISCUSSÃO

Ao comparar os dois casos estudados, tornou-se evidente que, mesmo vivendo em realidades culturais e sociais muito diferentes, as crianças compartilhavam uma mesma dor: cresceram em ambientes onde faltaram afeto, segurança e cuidado, elementos essenciais para qualquer desenvolvimento saudável. Nos irmãos Menéndez, esse sofrimento acumulado durante anos acabou transformando-se em uma reação extrema, como se a violência vivida de dentro para fora tivesse encontrado, finalmente, uma saída trágica. No caso de Bernardo, a ausência de proteção, o abandono e a negligência criaram um vazio tão profundo que sua sobrevivência se tornou impossibilitada dentro do próprio lar.

A perspectiva sistêmica, como defendem Minuchin (1985) e Carter e McGoldrick (2001), ajudou a compreender que uma família não é apenas um conjunto de pessoas convivendo, mas um sistema interligado, no qual o equilíbrio emocional de um afeta profundamente o bem-estar de todos. Quando esse sistema se torna caótico, com violência, fronteiras confusas ou falta de cuidado, a função protetiva da família se quebra e o que deveria ser um espaço seguro transforma-se em um lugar de risco.

A literatura sobre trauma infantil, especialmente os estudos de Van der Kolk (2015), explica de forma sensível como a violência vivida na infância pode alterar não só o comportamento, mas também a forma como a criança sente, percebe e interpreta o mundo.

Algumas reagem com explosões, agressividade ou impulsividade, enquanto outras silenciam, retraem-se e carregam a dor para dentro. Mas em ambas, o que se vê é a mesma marca emocional: a experiência de crescer sem confiança e sem alguém que oferecesse apoio emocional consistente.

Dessen e Polonia (2007) reforçam que, quando a família falha em oferecer cuidado, previsibilidade e afeto, a criança passa a viver em estado de alerta, como se estivesse sempre esperando que algo ruim aconteça. Essa sensação constante de ameaça impede que o desenvolvimento emocional se dê de forma plena e transforma o cotidiano em uma experiência permanente de sobrevivência. Também se compreendeu que o abuso familiar raramente acontece de forma isolada. Ele faz parte de um ciclo que atravessa gerações, especialmente quando não há apoio social, acesso à saúde mental, educação parental ou políticas públicas capazes de proteger e orientar essas famílias. Em classes sociais mais vulneráveis, a violência pode ser naturalizada como forma de disciplina; em classes mais altas, pode ser escondida sob aparências de harmonia e prestígio. Em ambos os contextos, o silêncio contribui para que o ciclo abusivo continue.

Por isso, autores como Cyrulnik (2005), Fonagy *et al.* (2004) e UNICEF (2020) defendem intervenções que acolham a criança de maneira integral, oferecendo vínculos seguros, redes de proteção e espaços onde ela possa ser escutada e encontrar apoio emocional. Quando uma criança encontra, mesmo depois de tanto sofrimento, alguém que a vê e a valida, novas possibilidades surgem: a possibilidade de confiar novamente, de reconstruir a autoestima e, aos poucos, ressignificar sua história. Assim, ficou claro que o abuso familiar não fere apenas o corpo: ele atinge a subjetividade, corrói a confiança e dificulta a construção de um senso de pertencimento. Contudo, entendeu-se que, com intervenções adequadas e ambientes acolhedores, é possível romper com esse ciclo e abrir caminho para que essas crianças, antes marcadas pela dor, encontrem novos sentidos para a própria vida.

6. CONCLUSÃO

A análise dos casos apresentados permitiu compreender como o ambiente familiar abusivo impacta profundamente o desenvolvimento emocional e social das crianças. Observou-se que a exposição contínua à violência e à negligência compromete o senso de segurança, o vínculo afetivo e a formação da identidade, deixando marcas que podem se prolongar por toda a vida. Os resultados alcançados comprovaram a hipótese de que crianças que crescem em lares permeados por abusos apresentam vulnerabilidades emocionais e outras dificuldades tanto na

infância quanto na vida adulta. Foi possível observar isso a partir da história dos irmãos Menéndez e dos impactos causados pelo ambiente abusivo em que viveram, assim como pelo caso de Bernardo.

Considera-se que os objetivos trabalho foram alcançados, uma vez que os impactos do lar abusivo foram analisados de maneira ampla, abrangendo desde questões emocionais até alterações neurobiológicas e a perpetuação da violência. Ainda, evidenciou-se como o abuso afeta a autoestima e prejudica as relações, discutiram-se estratégias de intervenção e demonstrou-se como a naturalização da violência contribui para sua transmissão intergeracional. Todos esses aspectos foram apresentados ao longo do estudo e confirmados tanto pela literatura quanto pelos casos analisados, reforçando a relevância do tema e a necessidade de atenção constante à proteção e ao cuidado de crianças expostas a ambientes familiares abusivos.

A partir da revisão bibliográfica e da comparação entre os casos dos irmãos Menéndez e de Bernardo Boldrini, foi possível perceber que, apesar das diferenças culturais e contextuais, ambos revelavam a mesma raiz: a ausência de um ambiente protetor e afetuoso levou a consequências emocionais graves, seja no silêncio da dor, seja em atitudes extremas de ruptura. Diante disso, tornou-se essencial discutir estratégias de intervenção psicológicas eficazes e acessíveis, que pudessem atuar na prevenção, acolhimento e reestruturação emocional de crianças e adolescentes que vivenciaram situações de abuso no ambiente familiar. Essas ações deveriam ter como finalidade promover a saúde mental, o bem-estar e a reconstrução da confiança, oferecendo suporte tanto às vítimas quanto às famílias, quando possível, na tentativa de romper o ciclo abusivo e restaurar vínculos afetivos saudáveis.

Entendeu-se que o ciclo do abuso familiar deve ser compreendido em sua complexidade, considerando as dinâmicas relacionais e socioculturais que o sustentam. Assim, reforça-se a importância da atuação dos profissionais de psicologia e das políticas públicas voltadas à prevenção, ao acolhimento e à promoção de ambientes familiares saudáveis, capazes de favorecer o desenvolvimento integral da criança.

Entretanto, reconheceu-se também que este estudo apresentou limitações importantes, especialmente no que dizia respeito ao acesso a artigos e pesquisas recentes sobre determinadas formas de violência menos visíveis, como o abuso emocional, o abuso psicológico, a negligência afetiva e a alienação parental, deixando lacunas relevantes sobre violências silenciosas, que também deixam marcas profundas no desenvolvimento infantil. Além disso, observou-se uma escassez de estudos que considerassem diferenças de classe social, raça, gênero, religião e cultura, o que dificultou uma compreensão mais abrangente das múltiplas

formas pelas quais o abuso familiar se manifesta e se perpetua em diferentes grupos sociais, impedindo comparações mais amplas e aprofundadas.

Assim, sugere-se que pesquisas futuras invistam na construção de estudos de caso que incluam famílias de contextos socioeconômicos, culturais e regionais diversos, permitindo compreender como fatores sociais interagem com dinâmicas abusivas. Também se recomenda que novas investigações explorem, com maior profundidade, os impactos do abuso emocional, da negligência afetiva e da alienação parental, ampliando o campo teórico e oferecendo subsídios para práticas clínicas e políticas públicas mais eficazes.

REFERÊNCIAS

ABRAMSON, Jill. **The Menendez murders: A mother's nightmare, a family's secret, a shocking crime.** New York: Pocket Books, 1994.

ADORIAN, Rebeca Thifanny Leal; MOURA, Ana Carla Pereira; KONZEN, Maria Souza; AMARAL, Thaís Campos Borges; SILVA, Niely Oliveira; SILVA, Vitoria Oliveira; SALES, Willian Tihago Quirino. Teoria do apego: influência no desenvolvimento infantil e seus reflexos na vida adulta. **Revista Cathedral,** v. 6, n. 2, 2024. Disponível em: http://cathedral.ojs.galoa.com.br/index.php/cathedral/article/view/777/227. Acesso em: 25 set. 2025.

AINSWORTH, M. D. S. et al. **Patterns of Attachment**: A Psychological Study of the Strange Situation. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1978.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

BELSKY, J. Parenting and child development: A decade review. **Journal of Marriage and Family,** v. 70, n. 3, p. 703–725, 2008. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20626527/. Acessos em: 25 de out. 2025.

BOWLBY, J. **Apego e perda:** Volume 1 – Apego. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

BOWLBY, J. **Uma base segura:** aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. **81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa. Governo Federal**, 14 jul. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa. Acesso em: 25 maio 2025.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artmed, 1996.

CARTER, B.; McGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

COSTA, S. M.; PERES, V. L. A. Guarda e desenvolvimento humano segundo a teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Revista Brasileira de Direito de Família e Sucessões,** 25 maio 2021. Disponível em: https://ibdfam.org.br/artigos/1704. Acesso em: 25 set. 2025.

CYRULNIK, B. **Os patinhos feios:** a resiliência – a arte de recomeçar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paideia,** Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21–32, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/SCkZ7pQdLDbFvDGBf4SxM8D/. Acesso em: 25 maio 2025.

FONAGY, P.; GERGELY, G.; JURIST, E. L.; TARGET, M. **Affect Regulation, Mentalization and the Development of the Self.** New York: Other Press, 2004.

G1. **Caso Bernardo: reconstituição do crime e julgamento**. 2016; 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/03/13/caso-bernardo-relembre-o-crime-que-chocou-o-pais.ghtml. Acesso em: 25 maio 2025.

GARBARINO, J. **Children and Families in the Social Environment**. 2. ed. New York: Aldine de Gruyter, 2011.

MARTINS, Edna; SZYMANSKI, Heloisa. **A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias**. Recebido em: 26 fev. 2004. Aceito em: 15 dez. 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006. Acesso em: 06 nov. 2025.

MIGALHAS. **Caso Bernardo: relembre o crime que chocou o país.** 2016. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/quentes/238257/caso-bernardo-relembre-o-crime-que-chocou-o-pais. Acesso em: 25 maio 2025.

MINUCHIN, S. **Famílias e terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

MUSZKAT, Malvina; MUSZKAT, Susana. **Violência familiar.** 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018.

NUNES, Katiuscia; TONIETTO, Lauren; DIAS, Kelen; REGO, Carolina. O impacto dos maus-tratos na infância no desenvolvimento cerebral e no funcionamento cognitivo: uma revisão. **Diaphora:** Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 9–13, 2020. Disponível em: https://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/241/220. Acesso em: 25 maio 2025.

RATAJCZYK, Marcio Rodrigo et al. A transgeracionalidade da violência de gênero: repercussões na saúde materno-infantil. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS DA SAÚDE, 11., 2019, Maringá. **Anais…** Maringá: Unicesumar, 2019. Disponível em: https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/4051/1/Marcio%20Rodrigo%20Ratajczyk.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

RUTTER, M. Resilience as a dynamic concept. **Development and Psychopathology**, v. 24, n. 2, p. 335–344, 2012. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22559117/. Acesso em: 25 maio 2025.

SERRALTA, F. B.; NUNES, M. L. T.; EIZIRIK, C. L. Considerações metodológicas sobre o estudo de caso na pesquisa em psicoterapia. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 28, n. 4, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/estpsi/a/8TwbZFMmG4dMWjWccN3RM3d/abstract/?lang=pt. Acessos em: 12 de out. 2025.

SILVA, Tereza Cristina; DESSEN, Maria Aparecida. Configurações familiares e desenvolvimento na infância. **Paideia**, v. 11, n. 21, p. 41–53, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/paideia/a/ZFnGtwDfS3mzQKtNzSZn9qH. Acesso em: 26 abr. 2025.

STRATHEARN, Lane et al. Long-term cognitive, psychological, and health outcomes associated with child abuse and neglect. **Pediatrics,** v. 146, n. 4, e20200438, 2020. DOI: 10.1542/peds.2020-0438. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32943535/. Acesso em: 25 maio 2025.

UNICEF. **Relatório sobre violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: UNICEF, 2020.

VAN DER KOLK, B. **The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma**. New York: Viking, 2015.

VIDAL, José Pontes. **Metodologia comparativa e estudo de caso.** Papers do NAEA, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: NAEA – UFPA.